Articulando

editora keimelion

Este texto foi revisado, preparado e composto
pela **Editora Keimelion.**
keimelion@gmail.com
http://editorakeimelion.blogspot.com/
(31)3244-1245

©Públio Athayde

PÚBLIO ATHAYDE

Articulando

2009

Dedico este livro a ***André Legos***
E à memória de
Cláudio de Castro e Silva,
*Meu mestre na arte de detratar****.***

❖

As pessoas que não são inteligentes
costumam não entender como
a inteligência funciona.

Sumário

A morte do subjuntivo e a falta de fé no sujeito..... 9

A cruz e o beijo..... 12

América Latina, século XXI 15

Aos voluntários nas ONGs 17

Assunção ou ascensão?..... 18

©Públio Athayde 20

Causa Perdida..... 23

Considerando..... 27

Cursos sequenciais: vigarice com rubrica do MEC..... 30

Defendendo o texto 32

Deletar, excluir, bloquear..... 34

Eu "Ouro Preto" 37

Fé e confiança..... 40

Foto ilustrativa 43

Fraude Acadêmica 45

Integração do Brasil..... 48

Julio Meiron: mostra a cobra e mata a pau..... 52

Leilões & Presentes.....54

Medida Procrastinatória.....56

O Brasil na nova ordem 57

O mercado da nova ordem mundial.....61

Panorama internacional.....64

Problemas para o Brasil.....73

Panóptico da contemporaneidade: "Une surveillance impossibile". 75

Parabéns pra você – pra mim!.....82

Pentassexual.....84

Quod Tibi Fieri Non Vis, Alteri Ne Feceris.....87

Popularidade no Google 92

Reveillon em Buenos Aires.....97

Significação..... 101

Taxonomia do Senado Federal..... 104

Vencer a eleição 107

Xadrez e escolha racional: aplicação lúdica da teoria dos jogos..... 113

❖

Corte epistemológico é o golpe que se dá no nó górgio do conhecimento.

A morte do subjuntivo e a falta de fé no sujeito

Leitor compulsivo e *ex officio* que sou, além de bom ouvinte da nossa língua, tenho observado os dois fenômenos do título, para os quais chamo a atenção dos interessados: o subjuntivo, aquela forma verbal que a gente estudava usando se, que e quando, para ajudar a decorar, está morrendo, morre do que morrem os recursos e as belezas do vernáculo, da falta de uso; quanto ao sujeito, aquele trapinho da oração que pratica ou recebe uma ação, perdeu toda a credibilidade, talvez seja por estarmos tratando de sujeitos brasileiros ou portugueses em sua maioria, já mesmo um tanto desacreditados no mercado.

Por mais que minha observação não seja produto de nenhuma investigação criteriosa e minha análise não se revista de aparato linguístico profissional, o que ressalto são apenas dois pontos que têm me causado incômodo.

A primeira questão, a agonia da forma verbal, tenho observado principalmente nos textos escritos. Acredito mesmo que o óbito do subjuntivo já tenha sido devidamente atestado na fala, ressalvando-se algum erudito que cisme em falar como escreve, talvez por muito escrever, mas ele é a andorinha que não faz verão. Mas tem sido novo para mim, e um pouco incômodo, dar com construções como: “algum erudito que cisma em falar” – “talvez é por estarmos tratando” – “minha análise não se reveste de aparato linguístico”. Dá para se ouvir essas coisas sem arrepiar, mas minha reclamação é que

estamos lendo isso constantemente, raríssimo o uso daquele modo verbal mesmo em textos. Vamos destacar a função do subjuntivo para dar a ele algum alento: modo verbal "que expressa a ação ou estado denotado pelo verbo como um fato irreal, ou simplesmente possível ou desejado, ou que emite sobre o fato real um julgamento". Palavras de mestre Houaiss. Se for irreal, possibilidade ou desejo, ou se for uma opinião, um juízo, uma hipótese, o enunciado que venha no subjuntivo. Guardemos o modo indicativo, o mais vira-latas das conjugações, para as coisas certas e bem sabidas: "Dá para se ouvir essas coisas" – "ele é a andorinha que não faz verão" – "Vamos destacar a função do subjuntivo".

O descrédito no sujeito é fenômeno recorrente na fala, a mais dinâmica das facetas das línguas. Fico me perguntando se tal ocorrência tem algum fundamento psicossocial, por estamos mesmo perdendo nossas fés, ou por as pessoas estarem mesmo merecendo desconfiança. O fenômeno ocorre porque as pessoas estão separando o sujeito do resto da fala por uma pausa, para pensar o que dizer – ou mentir – mas na escrita essa pausa é representada por vírgula e ocorre que a danada da vírgula não pode se meter entre o sujeito e o predicado; a vírgula é a colher de pau entre o marido (sujeito) e a mulher (predicado). Então sapecam um pronome, depois da pausa, para ele substituir o sujeito e fazer o serviço dele: "O descrédito no sujeito, ele é fenômeno..." – "A primeira questão, ela tem sido observada..." – "O fenômeno, ele ocorre porque as pessoas..." Nada errado nessas construções, erro formal não há. Minha implicância é com a recorrência delas. É bem verdade que alguns sujeitos não merecem mesmo nenhuma con-

fiança, mas todos eles? Qual o problema em podarmos boa parte desses pronomes e vírgulas, deixando os sujeitos livremente recebendo ou praticando as ações que lhes são devidas? Acredito que as pessoas, ao falar, ganhem credibilidade em seu discurso e maior fluência se passarem a ter fé nos sujeitos e suprimirem de suas declarações boa parte desse artifício de raciocínio ou falseamento.

A ressurreição do subjuntivo empresta aos verbos o sentido mais próprio e a confiança no sujeito se reflete na fidedignidade do discurso. Assim tenho pensado.

❖

Eu vou arrumar minhas palavras-valise pra viajar de palavra-ônibus!